

ABRAM
KARDINER

MINHA ANÁLISE
COM FREUD

REMINISCÊNCIAS

COLEÇÃO HISTÓRIAS DA PSICANÁLISE

ABRAM
KARDINER

MINHA ANÁLISE
COM FREUD

REMINISCÊNCIAS

Tradução *Nina Schipper*

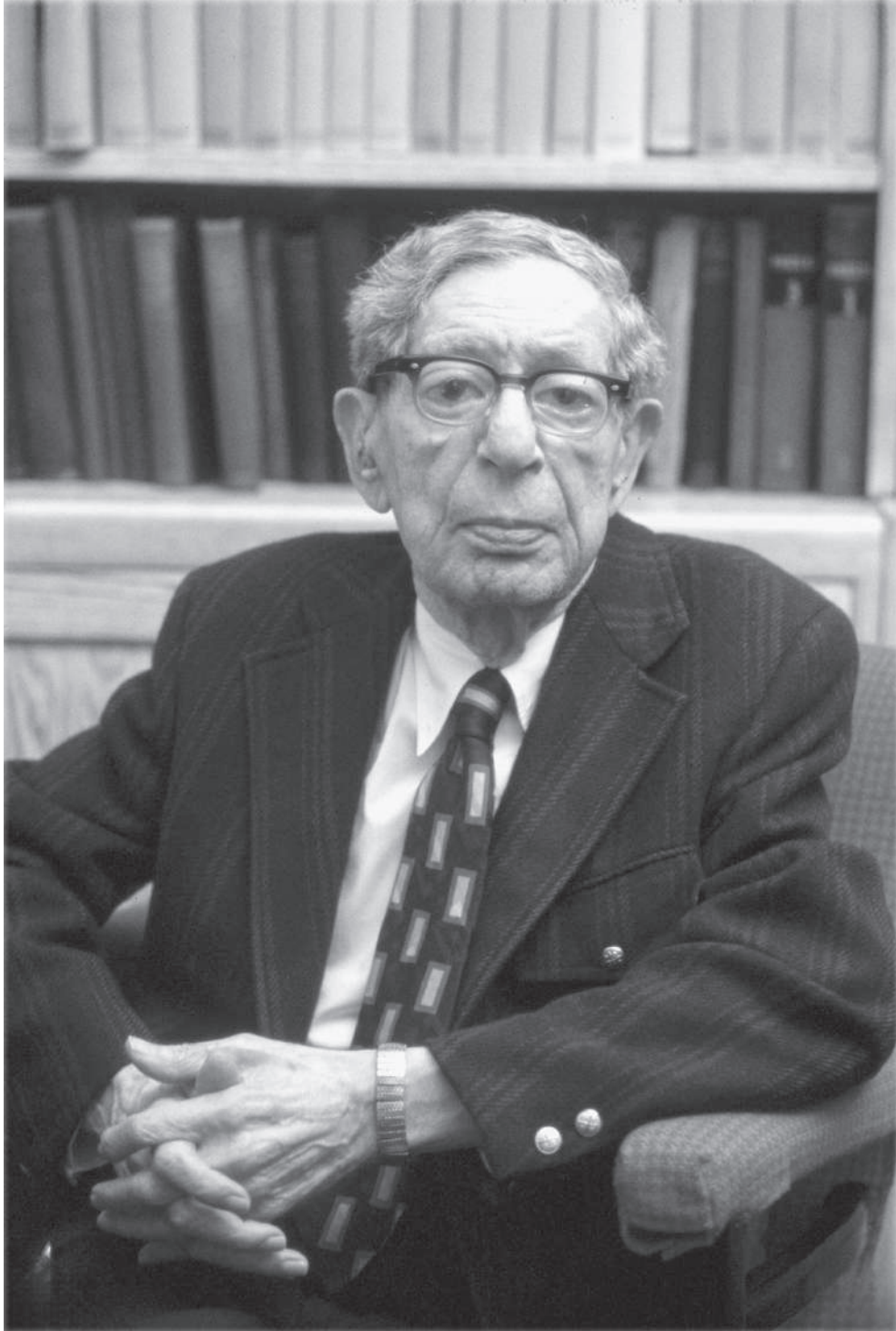
Posfácio à edição brasileira *Anat Tzur Mahalel*



*Para minha madrastra, Rachel Mayer,
e minha esposa, Ethel Diana*

SUMÁRIO

Prefácio	11
1. O encontro com Freud	15
2. Minha análise	21
3. Freud como analista	61
4. Freud e o movimento psicanalítico	75
5. Viena. Longe do divã	83
6. Minha análise, revisitada em 1976	87
7. Regresso a Nova York. Os anos posteriores	93
8. Cinquenta e cinco anos com a psicanálise. Uma avaliação	105
Posfácio à edição brasileira <i>Anat Tzur Mahalel</i>	111



PÁGINA ANTERIOR: ABRAM KARDINER, EM 1980

(CRÉDITO: BERNARD GOTFRYD. FOTOGRAFIA EM DOMÍNIO PÚBLICO.
DIVISÃO DE IMPRESSOS E FOTOGRAFIAS, BIBLIOTECA DO CONGRESSO DOS EUA.
<https://www.loc.gov/pictures/item/2020731669/>)

PREFÁCIO

Poucas pessoas tiveram o privilégio de ser analisadas pelo próprio Freud. Por uma série de eventualidades, cheguei a ele por meio de H. W. Frink. Se eu fosse mais jovem, hesitaria em revelar os fatos biográficos necessários para essa empreitada. Em minha idade, no entanto, o que importa não é tanto dar uma contribuição à *Freudiana*, sobre a qual já existe material abundante. Minha motivação é um pouco diferente – revelar sua técnica, tanto quanto possível, em um caso específico.

Durante o período em que estive em Viena, nos anos de 1921 e 1922, Freud mantinha nove pacientes ao mesmo tempo e, até onde sei, não tratava todos da mesma maneira. A maioria dos que estavam lá reclamavam que ele nunca dizia nada. Alguns saíam desapontados; outros, com a sensação de não terem ganhado nada com a experiência.

Ganhei muito com a análise. Quando o vi novamente em 1927, em sua casa de verão em Semmering, Freud parecia doente, havia perdido muito peso, mas se lembrava de que nós havíamos passado por um período de análise estimulante. Ainda considero essa uma das experiências mais importantes da minha vida. É isto o que constitui o conteúdo deste livro: Freud, o analista, e Freud, o homem, bem como as responsabilidades científicas diante das quais essa experiência me colocou. Em relação a estas, posso dizer que apenas segui minha consciência científica – seja de forma acertada ou errônea.

Este pequeno volume trata principalmente da minha própria análise e integra uma biografia mais ampla que foi ditada para Bluma Swerdlhoff e reunida por ela na coleção *Columbia University Living Biography*.

Sou especialmente grato a Herbert Hendin e a Josephine Hendin pelo apoio valioso na preparação do manuscrito para a publicação. Agradeço à minha mulher e colaboradora, a quem, em parte, dedico este livro.

A. K.

Nova York, 1976

PROF. DR. FREUD

April 10th 21.

WIEN, IX., BERGGASSE 19.

Dear Dr Kardiner
I am glad to accept you
for analysis especially
as Dr Freud has given
so good an account of you.
He is strongly confident of
your chances as an analyst
and speaks highly of your
character.

Six months are a good term
to achieve something both
theoretically and personally.
You are requested to be
at Vienna on the first
of October as my hours
will be given away
shortly after my return
from the vacation, and
give me definite assurance
of your coming some
time before. Let us say
in the beginning of
Sept.

My fees are \$10 an hour
about \$250 monthly to be
paid in effective notes
not in checks, which I could
only change for crowns.
If you understand and
speak German it will
be a great help to our
analysis and you ^{can} work
here in the Redaktion
of the Internat. ps. a.
Press
With kind regards
yours truly
Freud



CARTA DE FREUD A KARDINER, ABRIL DE 1921

(FONTE: ARQUIVOS SIGMUND FREUD, DIVISÃO DE MANUSCRITOS,
BIBLIOTECA DO CONGRESSO DOS EUA)

1. O ENCONTRO COM FREUD

No final de abril de 1921, recebi uma carta de Freud na qual se lia o seguinte:

Caro Dr. Kardiner,

Tenho o prazer de aceitá-lo como paciente, sobretudo porque o dr. Frink o descreveu para mim de forma tão positiva. Ele decididamente confia em suas chances como analista e enalteceu o seu caráter.

Seis meses são um bom prazo para alcançarmos algo em termos tanto teóricos quanto pessoais. Solicito que esteja em Viena no dia 1º de outubro, já que meus horários serão ocupados tão logo eu retorne das férias, e que me dê a garantia definitiva de sua vinda com certa antecedência – digamos, no início de setembro.

Meus honorários são dez dólares por hora ou cerca de 250 dólares por mês, a serem pagos em espécie, não em cheques, os quais eu só poderia trocar por coroas austríacas.

Caso o senhor compreenda o alemão, isso será de grande valia para nossa análise, e o senhor poderá trabalhar aqui na Redaktion do International Journal of Psychoanalysis.

*Com minhas respeitadas saudações,
Cordialmente,
Freud*

Essa carta mudou meu destino e minha existência. Ser aprendiz de uma das maiores personalidades do nosso tempo! Eu já praticava a psicanálise havia pouco mais de um ano e era médico legista no Juizado de Menores. Naquela época, havia ao todo oito psicanalistas em atividade em Nova York.

Eu sabia que estava em um novo e estimulante campo da medicina e que a formação que eu havia recebido até aquele momento era inadequada para a tarefa que pretendia realizar. Agora eu teria a oportunidade de estudar com o homem que descobrira os mistérios da mente humana e lhes abria as portas. Eu havia escrito para Freud incentivado pelo meu analista, dr. Horace W. Frink, mas senti certa apreensão. Afinal, tratava-se de uma figura de renome internacional, e eu não conseguia evocar nenhum bom motivo para que ele me tratasse com benevolência. Mas ali estava, em minhas mãos, uma resposta positiva!

Depois de quatro meses de espera, eu iria primeiro para Paris e, depois, pelo Expresso do Oriente, para Viena. Eu estava ansioso para conhecer a Europa, especialmente Paris. Com grande dificuldade consegui juntar 2.200 dólares (dos quais 500 dólares foram presenteados pelo meu pai; o restante economizei dos meus rendimentos). A viagem se deu através dos Alpes suíços, e finalmente chegamos a Viena. Monroe Meyer, que havia estado lá por seis meses com uma neurose grave, foi meu guia. Ele me arranhou um lugar para morar em um apartamento numa das grandes praças de Viena (Schottenplatz, número 24), a qual tive de desocupar depois de ter permanecido ali por dois dias, pois os percevejos da cama me impediam de dormir.

Monroe Meyer sugeriu que fôssemos encontrar Freud na estação de trem. Fiquei desapontado. Eu esperava encontrar um homem mais alto, e ele tinha uma voz roufenha, estridente, embora falasse um inglês impecável. Freud estendeu sua mão, apresen-

tando-me à sua mulher, a sua filha Anna, e a Paula¹, a jovem que abriu a porta para os fundos do apartamento, onde Freud trabalhava. Fomos avisados de que deveríamos estar em seu escritório no dia seguinte, uma segunda-feira.

Apesar de termos trocado apenas algumas palavras, senti uma confiança imediata e absoluta em Freud. Ele tinha ares de autoridade e solidez, e me senti completamente à vontade com ele – e comigo mesmo. Eu estava certo de que esse homem não apenas poderia me ajudar pessoalmente, mas também me lançaria numa carreira muito estimulante.

Em minha entrevista preliminar com Freud, ele me pediu um esboço biográfico, o que fiz de forma condensada. Em determinado ponto, ele me interrompeu com uma pergunta: “E o que o senhor obteve em sua análise com o dr. Frink?”, ao que respondi: “Nada”, e continuei com minha história. Ao cabo de quarenta minutos, ele disse: “Acho que o senhor é uma personalidade muito interessante com a qual trabalhar, mas fez uma afirmação que eu gostaria de corrigir. Disse que não obteve nada de sua análise com Frink. O senhor está equivocado. Obteve algo com ela.” “O que foi que obteve?” Ao que Freud respondeu, lacônico: “Uma pequena neurose”.

“E agora”, prosseguiu ele, “devo fazer uma pergunta difícil. Os senhores são cinco americanos (Polon, Blumgart, Oberndorf, Meyer, e o senhor) e um cavalheiro suíço². Normalmente eu teria

1 Paula Fichtl (1902-1989), governanta na residência da família Freud em Viena. Suas memórias foram publicadas pelo jornalista Detlet Berthelsen no livro *Dia a dia com a família Freud* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996). [N. E.]

2 Albert Polon (1881-1926), Clarence Paul Oberndorf (1882-1954), Leonard Blumgart (1881-1959) e Monroe A. Meyer (1892-1939), membros da Sociedade Psicanalítica de Nova York. É provável que o “cavalheiro suíço” ao qual se refere tenha sido Raymond de Saussure (1894-1971), filho do linguista e filósofo Ferdinand de Saussure. Raymond já era membro da Sociedade Psicanalítica Suíça quando deu início à sua análise com Freud no mesmo ano de 1921. [N. E.]

esperado, em circunstâncias como essa, que pelo menos um dos senhores desistisse da análise. Sei que todos alteraram suas vidas para estar aqui, mas tenho apenas trinta horas para todos. Alguém gostaria de se consultar com Karl Abraham em Berlim, Otto Rank ou Sándor Ferenczi em Budapeste? Todos eles são eminentes em seu ofício. O senhor faria isso?”

“Não!”, eu disse.

“Bem, veremos. Discutirei o assunto com minha mulher e com minha filha Anna. Estou disposto a assumir uma hora adicional de trabalho, mas elas se recusarão a aceitar. De toda forma, verei os senhores amanhã, às três horas, e chegaremos a uma conclusão.”

Em seguida, como se tornaria costumeiro daquele dia em diante, Freud estendeu sua mão e me aproximou ligeiramente de si, dizendo “*Auf Wiedersehen*”.

Essa repartição do tempo e o possível corte de um de nós era uma situação grave, pois naquela época Freud era o único analista didata ao qual os estrangeiros acorreriam.

Nós todos nos reunimos no dia seguinte às três horas e fomos conduzidos ao seu consultório. “Bem, cavalheiros, minha filha, minha mulher e eu chegamos a uma conclusão, a qual espero que possa convir a todos. Minha filha Anna deu a melhor sugestão. Como boa matemática, ela descobriu que $6 \times 5 = 30$, e que $5 \times 6 = 30$. Assim, se cada um dos senhores sacrificar uma hora por semana, poderei acomodar a todos”. Nós concordamos, e esse foi o início da semana de cinco horas. Até esse momento, haviam sido seis horas semanais. A tradição cedeu à conveniência. E, no entanto, essa conveniência, por sua vez, tornou-se uma tradição. Curiosamente, James Strachey, Alix Strachey e John Rickman – o contingente britânico – não precisaram sacrificar uma hora por dia. Nós, meros americanos, poderíamos ser sacrificados.

Minhas horas foram escalonadas: segunda-feira às três, terça-feira às quatro, quinta-feira às seis, sexta-feira às três, e sábado às seis. Depois de entrar no apartamento, atravessava-se um saguão, à direita do qual se via um cabideiro. O mobiliário na sala de espera era vitoriano – um sofá de veludo vermelho, uma pequena mesa redonda e duas cadeiras. Na mesa redonda, havia um abajur e um álbum de família que examinei muitas vezes, embora sem conseguir identificar seus personagens.

Como havia um intervalo de cinco minutos entre os pacientes e todos chegavam cedo, eles raramente se encontravam no saguão. Para conduzir o paciente ao consultório, Freud abria a porta da sala de espera com uma mão estendida gesticulando a entrada ou a saída. Avançava-se em direção ao gabinete principal e entrava-se nele. Uma ampla janela dava para o pátio, no qual se erguia uma castanheira. O divã, nessa época, ficava recostado à parede à esquerda, e mais tarde foi movido para a parede central. Nas costas do divã posicionava-se a poltrona de Freud e, na frente dela, havia uma cuspideira de latão. A parede perpendicular ao divã e diante do pátio consistia numa grande estante de livros dividida em seções, à qual Freud ocasionalmente se dirigia para consultar uma referência. Foi assim que, em uma ocasião, ele se levantou para me mostrar o poema de Goethe “O aprendiz de feiticeiro” (*Der Zauberlehrling*). A cerca de quatro metros à esquerda do divã viam-se dois contrafortes levando à famosa escrivaninha de Freud, sobre a qual se apoiavam muitas estatuetas egípcias. No contraforte à esquerda ficava uma caldeira de porcelana. Da escrivaninha via-se uma pequena sacada e tinha-se a vista da castanheira e do jardim. O apartamento inteiro ficava no mezanino. A escada à direita conduzia à área onde Freud trabalhava; a escada à esquerda levava aos aposentos residenciais. Na escada à esquerda eu frequentemente via a sra. Freud,

Martha, não raro com um cesto de vime repleto de embalagens com alimentos.